
O KARDECISMO EM SÃO PAULO

Gérson Ribeiro Licenciado em História pela –
UNINOVE e professor eventual da
rede pública estadual

Resumo

Este artigo oferece subsídios para que se possa compreender os fundamentos da doutrina espírita, segundo o prisma do Kardecismo, a partir de sua introdução no Brasil, em 1865, na cidade de Salvador, até sua implantação na cidade de São Paulo, em fins do século XIX e começo do século XX. Discorre brevemente sobre os pioneiros na divulgação da doutrina e a constituição das entidades representativas do movimento espírita no país.

Palavras-chave: religião; ciência; kardecismo; espiritismo; movimento espírita.

Abstract

In this paper we offer subsidies for the comprehension of the spirit doctrine, starting from the Kardecism approach, since its introduction in Brazil, in 1865, in the city of Salvador, to its implantation in the city of São Paulo, by the end of 19th century and beginning of 20th century. It discusses briefly the doctrine spread pioneers and the constitution of the representative entities of the spirit movement in the country.

Key words: religion; science; Kardecism; spiritism; spiritualistic movement.

Não é fácil fazer um esboço histórico do Kardecismo na cidade de São Paulo. Nenhuma pessoa ou instituição tem dados suficientes para cobrir as atividades da introdução do Movimento Espírita na capital paulista.

Desde a infância, convivemos no seio da doutrina espírita, e a curiosidade pela origem do movimento sempre foi alvo de inúmeras indagações pessoais. Assim, quando da preparação de nosso trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História, iniciamos um estudo mais organizado sobre o tema, tentando

relacionar os acontecimentos que antecederam o início do Kardecismo em nosso município.

O surgimento da sociedade moderna contrapôs a Razão à Religião, instaurando a primazia do pensamento científico. Isto não significou o fim das manifestações religiosas, uma constante universal; na verdade, Ciência e Religião tiveram de coexistir em razão da necessidade de o homem ocidental não só entender e explicar o mundo de forma racional, mas também de preencher o vazio da própria existência com a crença na imortalidade.

A Doutrina Espírita, codificada por Kardec, explica, por meio da revelação dos espíritos, os fenômenos mediúnicos que inauguram o Espiritismo. Os Espíritas consideram tais fenômenos como sendo de ordem natural, passíveis de ser apreendidos e testados de forma científica, e procuram explicar a crença religiosa sob o prisma das ciências positivas. Na prática, buscam conciliar um aspecto fundamental da sociedade moderna a um aspecto fundamental da sociedade tradicional. Devido a essa peculiaridade, num primeiro momento o Espiritismo teve sua aceitação nos grupos de elite e nas camadas mais cultas da sociedade, mas, por força do seu aspecto de doutrina consoladora, rapidamente se difundiu nos mais diversos setores da sociedade.

Mais de um século se passou desde a codificação da Doutrina Espírita, daí a necessidade da elaboração de um trabalho de pesquisa para descobrir as origens do movimento espírita paulistano e os seus representantes na sociedade.

As comunicações entre o mundo visível e o invisível tiveram início na aldeia de Hydesville, no Condado de Wayne, próximo a Nova Iorque, com a ocorrência de fatos inexplicáveis na casa da família Fox, em março de 1848: pancadas nas paredes perturbavam o sono da família. As duas meninas, Kathe, de nove anos, e Margareth, de doze, passam a imitar as batidas que eram ouvidas e a falar com o 'desconhecido', que respondia por meio de pancadas nas paredes. Aos poucos, estabeleceu-se um código que tornou possível a comunicação com os espíritos. As irmãs Fox demonstraram possuir também a capacidade de mover objetos pesados ao mais leve toque de suas mãos.

Os fenômenos, que pareciam questionar as leis da física, tornaram-se conhecidos na América, na Europa e em outros lugares,

dando início à formação de grupos de estudo da comunicação entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

Caberia a um francês – Hyppolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec –, a partir da observação de tais fenômenos, chegar à elaboração de uma doutrina que buscasse conciliar a religião com a ciência. Com a ajuda de alguns colaboradores, finalmente tem em suas mãos cinquenta cadernos de comunicações diversas. Kardec então se dedica à desafiadora tarefa de codificação da Doutrina Espírita, elaborando obras fundamentadas nos ensinamentos fornecidos pelos Espíritos, sendo a primeira delas *O Livro dos Espíritos*, publicado em 18 de abril de 1857, e tida como obra inicial da codificação do Espiritismo.

Kardec fundou, em 1º de abril de 1858, a primeira sociedade espírita com o nome de Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. No mesmo ano, edita a Revista Espírita, pioneiro órgão de divulgação espírita na Europa. Em 15 de janeiro de 1861, lança *O Livro dos Médiuns*, depois, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (abril de 1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e a *Gênese* (janeiro de 1868).

Com a codificação da Doutrina Espírita realizada por Kardec, verificou-se que ela possuía uma tríplice dimensão: filosófica, científica e de conseqüências morais (ou religiosas). Baseia-se, pois, em princípios que independem de toda a questão dogmática – a filosófica interpreta os princípios e os fatos à luz da Razão; a científica investiga os princípios e fatos à luz da Ciência, e a conseqüência moral (ou religiosa) é a aplicação da Filosofia Espírita à vida sob forma de normas espirituais de conduta social.

Dessa maneira, não existe uma única finalidade na Doutrina Espírita, como alguns podem imaginar. Portanto, trata-se de uma doutrina filosófica e uma ciência experimental, com conseqüências morais. Esta posição de tríplice dimensão poupou o espiritismo das conseqüências das crises religiosas dos dogmas da fé, no passado e no presente; no campo filosófico, apresenta-se livre em relação ao conjunto de sistemas filosóficos fechados, conservando-se aberta a todas as renovações que decorrem das descobertas comprovadas pela comunidade científica universal; no campo científico, o Espiritismo marcha ao lado da Ciência no terreno da matéria, admitindo todas as verdades que a ciência demonstra.

A Doutrina Espírita, em sua estrutura filosófica, científica e de caráter moral (ou religioso), não envelhece. Em pleno século XXI, existem dois aspectos fundamentais de relevância doutrinária que formam o pilar de sustentação da Doutrina, e que nunca perderam sua razão de ser: primeiro, os Valores Espirituais, e segundo, o Espírito Crítico. Contudo, em contraposição, surgiram contravalores que são o Misticismo Popular e muitos outros, movidos por interesses diversos.

Para entender o momento e o clima reinante por ocasião da implantação do Movimento Espírita no Brasil e na cidade de São Paulo, julgamos necessário, inicialmente, historiar o surgimento do Espiritismo, a codificação da Doutrina Espírita por meio dos fenômenos mediúnicos, e também relatar, em poucas palavras, a visão tríplice dessa doutrina, que surge como revelação no fim do século XIX. Em 1857, aparecia nas livrarias francesas a obra básica da Codificação Espírita, *O Livro dos Espíritos*.

Esta obra ganharia tradução brasileira em meados de 1860, com a publicação, por Casimir Lieutand, diretor do respeitável Colégio Francês do Rio de Janeiro, dos livros *Os Tempos são chegados* e *O Espiritismo na sua mais simples expressão*. No entanto, diversos historiadores do espiritismo registram o surgimento do movimento na cidade de Salvador, por intermédio do professor e jornalista Luís Olímpio Telles de Menezes, que fundou, em 1865, o primeiro grupo genuinamente espírita do Brasil, sob a denominação de Grupo Familiar do Espiritismo. Em 1869, surge o primeiro periódico espírita do Brasil, *O Echo d'Além Túmulo*, impresso na tipografia do Diário da Bahia, sob a responsabilidade de Telles de Menezes. No mesmo ano, também editou o primeiro livro de divulgação da doutrina em versos, *O espiritismo, meditações poéticas sobre o mundo invisível*, de Júlio Cesar Leal, mais tarde presidente da Federação Espírita Brasileira.

Antes de mencionar a fundação da Federação, faz-se necessário descrever as atividades de *O Reformador*, órgão criado em 21 de julho de 1883, como uma publicação bimestral, que veiculava temas científicos e também lutava pelas reformas sociais e políticas consideradas essenciais ao país. Ao mesmo tempo em que respondia aos ataques das autoridades eclesiásticas e tentava manter unidos os grupos espíritas por meio do apelo à tolerância e à

fraternidade, tomava posição diante das questões cruciais da sua época, como a abolição do regime escravista e a liberdade religiosa defendida pelos liberais.

O Reformador defendia a criação de um centro formado por representantes das diversas entidades que seguiam a doutrina espírita, visando a somar esforços para uma luta que se mostrava violenta e desigual contra a nova doutrina. Para isso, reuniram-se, no dia 1º de janeiro de 1894, alguns espíritas convictos dessa necessidade, iniciando as tratativas para a criação da Federação Espírita Brasileira, que só foi publicada em 1911 pelo *O Reformador*. Uma das resoluções da nova instituição foi a incorporação do jornal, editado sob a responsabilidade de Augusto Elias da Silva, e sua transformação em órgão oficial da Federação.

A cidade de Matão, no interior de São Paulo, é considerada um ponto geográfico importante no mapa da Doutrina Espírita no Brasil. Nesta cidade viveu o farmacêutico Caírbar Schutel, nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 22 de setembro de 1868, e desencarnado em Matão, no dia 30 de janeiro de 1938. Coube a ele a difusão dos primeiros ensaios do programa de divulgação do Espiritismo no Estado de São Paulo, numa época em que a Doutrina dos Espíritos era vista como uma novidade que vinha abalar os conceitos até então prevalentes sobre a imortalidade da alma e a comunicabilidade com os espíritos. Em Matão, Schutel acalentou o propósito de servir à comunidade, o que fez com que trabalhasse arduamente para que o então distrito se elevasse à categoria de município. Alcançado este objetivo, foi eleito seu primeiro prefeito.

Homem dotado de ampla visão e grande humildade, conquistou os corações de todos. Na política não enfrentava obstáculos. Deve-se a ele a edificação do prédio da Câmara Municipal, o que fez com seus próprios recursos. A política, no entanto, não era seu objetivo; por isso, assim que se converteu ao Espiritismo, abandonou esse campo, passando a dedicar-se inteiramente à nova doutrina.

Caírbar Schutel integrou-se no conhecimento das obras fundamentais da Doutrina Espírita e, tão logo se sentiu compenetrado daquilo que ela ensina, fundou o primeiro núcleo espírita da cidade, no dia 15 de julho de 1905, denominando-o Centro Espírita Amantes da Pobreza. Não satisfeito com essa

realização, em agosto de 1905 lançou a primeira edição do jornal *O Clarim*, que vem circulando desde então e constitui, de direito e fato, num dos mais tradicionais e respeitáveis veículos da imprensa espírita. No início do século, a figura de Schutel, na cidade de Matão, pôde ser considerada a de um verdadeiro bandeirante, corajoso e audaz, que fez entradas nos domínios mais fechados do pensamento dogmático e estabeleceu, no interior de São Paulo, bandeiras de uma nova ordem espiritual.

Sua ação atraiu a fúria do clero católico e do protestantismo. Ambos se sentiram ofendidos pela presença incômoda de um homem que pensava em voz alta. Tal embate atravessou anos e deixou atrás de si uma trilha de livros e obras sociais, que conferiram à cidade de Matão, no interior de São Paulo, um papel fundamental na divulgação das idéias contidas na Doutrina Espírita.

A cidade de São Paulo, no fim do século XIX e início do XX, teve como figura pioneira da Doutrina Espírita o personagem Antonio Gonçalves da Silva, o 'Batuíra', que, por sua luta em prol da consolidação do movimento espírita na cidade de São Paulo, enfrentou pesadas críticas de grupos católicos. Nascido em 19 de março de 1839, na freguesia de Águas Santas, distrito da Maia, Portugal, e filho de humildes camponeses, Silva vem para o Brasil aos onze anos, aportando na Guanabara em 3 de janeiro de 1850. Durante três anos (dos 11 aos 14), trabalhou no comércio da Corte, mudando-se a seguir para Campinas, indo trabalhar na lavoura; após curta passagem, estabeleceu-se na capital paulista. Nos primeiros anos, atuando como distribuidor do *Correio Paulistano*, Antonio Gonçalves da Silva procurou integrar-se à vida na cidade de São Paulo. Foi nessa época que ficou conhecido como 'Batuíra', nome que o povo da rua dava à narceja, ave pernalta e ágil que freqüentava os charcos na várzea formada no atual Parque Dom Pedro II sempre que havia o transbordamento do Tamanduateí. Tal qual a ave, percorria, de forma ligeira, as ruas da cidade centenária, vendendo o jornal *A Província de São Paulo*. Com o falecimento do seu segundo filho, em 1883, profundas mudanças se passam com Batuíra. O assunto espiritismo já se comentava com freqüência nas rodas intelectuais paulistanas, e ele procurou iniciar-se na nova 'religião' para buscar conhecimentos nos livros que circulavam à época.

Conhecendo os preceitos do Espiritismo, que determinam respeito às diferenças de raça, nível social, religião e credo político, integrou-se resolutamente no movimento espírita e tornou-se um dos pioneiros do Espiritismo em São Paulo, fundando o Grupo Espírita Verdade e Luz. No dia 6 de abril de 1890, diante de enorme assembleia, inicia uma série de explanações sobre o livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*. O surgimento deste Grupo tem papel fundamental no movimento espírita na cidade de São Paulo, por tratar-se de uma das entidades espíritas mais antigas ainda em atividade na cidade de São Paulo. Somente em 1904 é que o Grupo Espírita Verdade e Luz foi registrado e ganhou seus estatutos. Batuíra era, então, corpo e alma da instituição, mas depois de participar do Congresso organizado no Rio de Janeiro pela Federação Espírita Brasileira, percebeu a necessidade de constituir a Entidade juridicamente.

Foi no ano da criação do Grupo Espírita Verdade e Luz que deixou de circular a única publicação espírita da época, de cunho não oficial, intitulada *Espiritualismo Experimental*, redigida desde setembro de 1886 por Santos Cruz Júnior. Sentindo a lacuna deixada por essa interrupção, Batuíra adquiriu uma pequena tipografia, a Tipografia Espírita (nome dado por ele), iniciando, em 20 de maio de 1890, a publicação do periódico quinzenal de quatro páginas denominado *Verdade e Luz*, transformado, posteriormente, em revista da qual foi diretor. A revista, resultado do idealismo de Batuíra, trazia consigo características pessoais de seu diretor. No começo não possuía um editorial definido, o que pareceu fruto da inexperiência do fundador. Quanto ao conteúdo, apresentava artigos com uma linha de combate ao catolicismo. A partir de 1900, a revista *Verdade e Luz* passa a exibir, equilibradamente, matérias voltadas para a evangelização e notícias, fazendo dela um órgão de comunicação dinâmico e interessante. Para divulgação da Doutrina Espírita, sua credibilidade e as altas tiragens que alcançava foram de excepcional valor.

Após uma vida inteira dedicada à caridade e à divulgação dos ensinamentos do espiritismo na cidade de São Paulo, no dia 22 de janeiro de 1900, ocorre o falecimento de Batuíra. O movimento espírita brasileiro lamentou profundamente a partida daquele que fora um grande líder e exemplo – um dos maiores nomes do movimento espírita.

Desde a fundação do primeiro Centro Espírita no Brasil, por Luís Olímpio Telles de Menezes, em 1865, até a 1ª Guerra Mundial, passaram-se cinquenta anos. Nesse período, o Espiritismo, aqui introduzido de acordo com as feições européias, adquiriu características brasileiras sem descaracterizar a obra de Allan Kardec. Absorvida pelo povo brasileiro, um povo recém-formado que, por suas próprias características, aprendeu a viver sem preconceitos com todas as raças, a doutrina encontrou, no Brasil, o campo fértil para sua proliferação. A cidade de São Paulo precisava de uma entidade para coordenar o seu movimento espírita. Todos os estados mais destacados do centro sul do país haviam organizado sua união federativa, menos o paulista. Em 1925, surgiu, na comunidade espírita da cidade de São Paulo, um movimento visando dotar o estado de uma instituição representativa. Em fevereiro do ano seguinte, realizou-se a primeira reunião para concretizar os anseios do movimento espírita. Apesar de recebida com entusiasmo e de ter, em sua fundação, as principais figuras do movimento espírita paulista, entre elas o famoso médium Carlos Mirabélli, a Federação foi perdendo a força com o passar dos meses, vindo a desaparecer completamente, para ressurgir dez anos depois, sob outras bases.

Até 1933, não havia, no Estado de São Paulo, qualquer entidade federativa que congregasse o movimento espírita. Na maioria dos centros espíritas, predominava o personalismo, sendo o presidente a única pessoa a decidir os rumos dos trabalhos. Não existia qualquer intercâmbio entre eles e a federação Espírita Brasileira. Em 2 de fevereiro de 1933, foi criada a União Federativa Espírita de São Paulo que, apesar de possuir representantes em todo o Estado, não procurava, ou não conseguia obter contato com os dirigentes de Centros nem lhes dava orientação doutrinária. Deixou à margem a Associação Espírita São Pedro e São Paulo, embora esta contasse com grandes representantes do movimento espírita da época. Por esse motivo, surgiu, entre os representantes da Associação, a idéia de criar uma federação mais atuante. Assim, em 17 de maio de 1936 é fundada a Congregação Espírita de São Paulo, que posteriormente funcionou na sede da Associação São Pedro e São Paulo. Em reunião realizada em 12 de julho do mesmo ano, decidiu-se pela mudança do nome para Federação Espírita do Estado de São Paulo, mais compatível com as finalidades a que se

propunha. Em 1938, a diretoria comprou, em prestações, o imóvel situado na Rua Maria Paula no 158, onde as reuniões começaram a ser realizadas. Em 20 de novembro de 1938, elegeu-se nova diretoria, ocupando a Presidência da Federação Espírita do Estado de São Paulo, o Dr. João Batista Pereira.

Até 1945, a maioria dos movimentos espíritas trabalhava de forma dispersa, limitando-se a duas atividades: assistir às palestras periódicas e sessões mediúnicas, em grupos particulares ou em centros espíritas isolados. Reunido o Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Estado de São Paulo, em 9 de julho de 1945, expôs-se a situação do movimento espírita paulista e enfatizou-se a necessidade de unificá-lo, pois a dispersão ameaçava sua continuidade, entre outros motivos, por se permitir a infiltração de elementos políticos que procuravam apoio eleitoral.

De 1º a 5 de julho de 1947, realizou-se o Congresso de Unificação Espírita do Estado de São Paulo. Aderiram a ele 173 centros da capital e 378 do interior. Foram apresentadas 34 teses no Congresso, muitas delas fugindo da proposta de unificação. A tese vencedora foi a de autoria de Edgard Armond, que estabelecia estrutura e funções do novo órgão de unificação. A tese era minuciosa, objetiva, clara, com detalhes bem definidos e perfeitamente realizáveis, e serviu de base para organização da União Social Espírita (USE), nome depois mudado para União das Sociedades Espíritas de São Paulo.

Mais quatro Congressos foram realizados com o mesmo objetivo: o 2º, em 1950; o 3º, em 1952; o 4º, em 1954, e o 5º, em 1956, todos promovidos pela União das Sociedades Espíritas de São Paulo, que, por duas décadas, tentou promover a unificação do movimento espírita paulista.

Em 1968, a proposta de fusão da União das Sociedades Espíritas de São Paulo com a Federação Espírita do Estado de São Paulo causou controvérsia no movimento espírita paulista, pois, segundo os líderes do movimento espírita, a Federação Espírita do Estado de São Paulo possuía, como possui, uma administração altamente hierarquizada, quase dinástica em sua renovação, ao passo que a União das Sociedades Espíritas de São Paulo funcionava como uma hierarquia de baixo para cima, com um colégio eleitoral aberto, acessível a qualquer liderança usiana. Além do mais, na

Federação Espírita do Estado de São Paulo havia sócios físicos e jurídicos, ao contrário da União das Sociedades Espíritas de São Paulo, que congrega em seu quadro apenas entidades jurídicas.

De 1970 a 1976, foram feitas várias reuniões com membros das duas entidades, para discutir seu projeto de fusão. Em 12 de março de 1977, uma comissão formada por membros da Federação Espírita do Estado de São Paulo e União das Sociedades Espíritas de São Paulo rejeitou a proposta de fusão, fazendo cessar todos os trabalhos em andamento.

Mesmo sem a fusão entre as duas principais entidades representativas do movimento espírita paulista, a Federação Espírita do Estado de São Paulo é hoje a maior instituição espírita brasileira. Atualmente recebe pessoas para tratamento espiritual e possui mais de dez mil alunos matriculados em seus cursos, que promovem a divulgação da Doutrina Espírita. Essa complexa estrutura é fruto do esforço e dedicação de Edgard Armond (1894-1982), um ex-militar que serviu em vários setores da Força Pública, até sofrer um grave acidente e ir para a reserva. Depois do acidente, passou a dedicar-se ao trabalho na Federação, tendo ocupado o cargo de secretário-geral durante 27 anos, e colaborado, de forma significativa, para sua atual estrutura e divulgação do movimento espírita na cidade de São Paulo.

Concluindo, para a introdução do Espiritismo no Brasil e sua disseminação na sociedade paulista, foi necessário um árduo trabalho de figuras que atuaram como verdadeiros bandeirantes, a exemplo de Caírbar Schutel e, principalmente, Antonio Gonçalves da Silva, conhecido pelo pseudônimo de “Batuíra”, que, com empenho e determinação, enfrentaram a resistência da Igreja Católica e do Protestantismo contra a Doutrina Espírita.

A Doutrina Espírita paulista enfrentou e enfrenta atualmente a resistência de seus opositores, mas também sofre as conseqüências de não ter conseguido a unificação de suas Entidades representativas. Como em qualquer doutrina numa sociedade moderna, o movimento espírita paulista não foge à regra, seus elementos humanos nunca formam um quadro à parte, como se estivessem acima das contingências humanas. Temos de compreendê-los como são, isto é, na condição de criaturas humanas, ainda limitadas, sujeitas às contradições e não isentas de quedas. Os líderes espíritas do movimento defendem a Doutrina

Espírita com dedicação, ora neste ou naquele campo de ação, muitas e muitas vezes sem levarem em conta os interesses particulares. São valores que sobrepõem qualquer aspecto negativo que por ventura se possa apurar.

O Kardecismo na cidade de São Paulo não pode ser descrito como um movimento espírita irreal, com líderes sábios e ‘santos’, mas como um movimento que carrega as contradições próprias das atividades humanas. Assim, visto também no contexto de suas dificuldades, realizações e decepções, poderemos entender sua essência na cidade de São Paulo.

Referências bibliográficas

ARAIÁ, Eduardo. *Espiritismo Doutrina de Fé e Ciência*. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

CARVALHO, Maria Helena. *Espiritismo Medo ou Preconceito*. São Paulo: Pensamento, 1998.

GODOY, Paulo Alves. *Os Grandes Vultos do Espiritismo*. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1990.

KARDEC, Allan. *A Gênese*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1944.

LEX, Ary. *60 Anos do Espiritismo no Estado de São Paulo*. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1996.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Batuíra - Verdade e Luz*. São Paulo: Lúmen Editorial Ltda, 1999.

_____. Caírbar Schutel - *O Bandeirante do Espiritismo*. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 1986.

SCHUTEL, Caírbar. *Médiuns e Mediunidades*. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 1923.

TOURINHO, Nazareno. *Carlos Imbassay - O Homem e a Obra*. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1994.

WANTUIL, Zêus. *Grandes Espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1969.
